



Redação: Expectativas da Banca

Tema A

Uma das palavras-chave do Tema A é "evolução". Mas convém ressaltar desde logo que, por si só, essa palavra não define o tema, pois não se espera do candidato a exposição das principais doutrinas evolucionistas, nem mesmo o eco das polêmicas filosóficas ou religiosas que essas teorias provocaram quando se popularizaram.

Como nas edições anteriores do Vestibular Unicamp, o enunciado da prova obriga a relacionar algumas noções (evolução é apenas uma delas) e assim delimita um espaço de possibilidades dentro do qual o candidato é convidado a escolher e construir um recorte pessoal.

Lendo a instrução inicial, o candidato deveria perceber que o maior destaque é dado a uma fórmula do filósofo Bertrand Russell, na qual o tema da evolução não é diretamente mencionado. Essa fórmula fala em "mudança" e em "progresso", estabelecendo uma espécie de quarta proporcional pela qual "mudança" está para ciência assim como "progresso" está para ética.

A grande questão, à qual o candidato precisa ser sensível, é saber em que condições a mudança é também progresso, ou ainda, o que se exige para que uma mudança possa ser considerada boa. Convidado a falar de evolução nesse contexto, o candidato precisará considerar de algum modo a alternativa de pensar a evolução como um conjunto de mudanças que apenas alteram uma situação anterior, ou como mudanças que a alteram para melhor. Isso o obrigará a explicitar, em alguma medida, o que se deva entender por melhor, para quem, para que fins etc. Em suma, *na oposição mudança / progresso reside uma das dimensões que definem o espaço de reflexão do candidato.*

Outra dimensão tem a ver com o fato de que a palavra *evolução* "recebeu vários sentidos ao longo da história", tornando-se polissêmica. Basta pensar que, depois de popularizar-se a partir dos estudos de biologia (onde os protagonistas são os seres vivos e evolução diz respeito a um conjunto de mudanças orgânicas), a noção de evolução se tornou um modelo para compreender fenômenos de mudança estudados pelas ciências humanas (evolução da sociedade, evolução da economia, evolução das línguas, cf. Fragmento 2), e, finalmente, acabou por aplicar-se a qualquer forma de desenvolvimento ordenado (a tal ponto que se pode falar que os automóveis representam o estágio atual da evolução das carroças, ou que o clima da terra tem evoluído). A pluralidade de contextos e fenômenos a propósito dos quais a noção de evolução é relevante vem assinalada explicitamente na instrução geral, e é amplamente exemplificada pela coletânea. Para o candidato, essa pluralidade de usos cria a possibilidade de elaborar distinções e explorar contrastes. Mas há também um risco de obscuridade, que ele poderá controlar definindo um sentido de *evolução* para sua dissertação. Espera-se, em suma, que ele opte claramente entre várias linhas de elaboração possíveis - umas mais genéricas e abstratas, outras mais voltadas para fenômenos ou contextos específicos, e que se mostre capaz de esclarecer a

seu leitor o que é proposto como exemplo e o que é dado como tendência ou conclusão geral.

Dentro das duas dimensões descritas nos parágrafos anteriores, há liberdade de escolha.

1. O candidato poderá, por exemplo, falar de evolução no sentido biológico e perguntar se, como queria Spencer (fragmento 3) o progresso é inerente à natureza. Uma alternativa seria, por exemplo, defender que, na natureza, não há progresso, mas apenas adaptação ao meio externo - evolução;

2. Também poderá ater-se à tese darwiniana (fragmento 6) segundo a qual os humanos ocupam merecidamente o topo da escala biológica. Um velho argumento sempre pertinente nesse caso é o da fragilidade física do homem (que, em termos de evolução genética, se traduz na ausência de modificações significativas em seu esqueleto - cf. fragmento 5); no caso do homem, a evolução consistiria no desenvolvimento de capacidades cognitivas e culturais cuja transmissão não se faz por via genética, mas por via cultural, estando na cultura a explicação de seu sucesso como espécie.

3. Mas a cultura é tão boa assim? Sobre essa questão, os textos da coletânea divergem: à posição otimista de Manuel Bonfim (fragmento 8) opõe-se a advertência de Millôr Fernandes (fragmento 4): segundo esse fragmento, o fundamento da sociedade é a exploração; defender que isso é progresso seria enveredar por uma linha de argumentação paradoxal, com as possibilidades e os riscos que ela comporta.

4. Seja como for, o "sucesso" da espécie humana cria a necessidade de avaliar certos efeitos, como, por exemplo, os efeitos sobre a "natureza"; o homem está longe de ter controle sobre eles (fragmento 7). O candidato que resolva considerar estes argumentos será naturalmente levado a questionar a opinião corrente segundo a qual evolução é sinônimo de progresso. Mas é evidente que essa posição também encontra argumentos, e uma boa dissertação pode ser construída pelo confronto de uns e outros.

As linhas de desenvolvimento aqui apontadas são apenas algumas das que o candidato poderá escolher. Evidentemente, ele pode optar por outras, com base na coletânea ou em outras leituras que a enriqueçam sem descaracterizá-la.

Vista sob este ângulo, a prova de dissertação do vestibular Unicamp mantém-se fiel a sua principal característica: a de ser prioritariamente uma prova em que se valoriza o candidato capaz de situar-se de maneira autônoma, e possivelmente original, num universo de leituras pertinentes.

Tema B

A expectativa da banca em relação ao candidato que escolher o tema B é que construa um texto narrativo em **primeira pessoa**, já que ele é a personagem central da trama - aquele que vai atestar o sucesso ou o fracasso do experimento. Espera-se também que o candidato componha com a minúcia necessária a evolução dos fatos, de modo a explicar aceitavelmente cada um dos diferentes destinos de seus três companheiros. A narrativa poderá ser tanto mais convincente quanto mais forem explicitados fatos ou razões que explicam o "destino" de cada um, bem como a avaliação das razões pelas quais eles representam fracasso ou sucesso em relação ao projeto de homem perfeito. Isto é, espera-se

que o candidato deixar claras as razões / os fatos que explicam o desfecho da história de cada um.

Por outro lado, cabe ao candidato criar uma solução ou saída para si próprio, enquanto personagem da trama. Esta solução terá que ser adequada, quer o candidato se assuma como prova do êxito, quer se assuma como prova do fracasso do experimento.

Tema C

Espera-se que, após ler com atenção o que se pede, o candidato

a) escreva uma carta ao **editor** do jornal **para ser publicada**. Isso implica que de deve construir a carta de forma a definir um interlocutor direto, por um lado, e, por outro, considerando que são destinatários também os leitores do jornal e, mais indiretamente, o próprio autor do texto a ser debatido/apoiado. O candidato só tem a ganhar "construindo" uma imagem do editor (democrático ou não, que censura ou privilegia leitores etc.), do leitor (conhece ou não o texto comentado, é ou não um cidadão informado, tem ou não tem posição sobre a questão debatida etc.) e do próprio articulista (corajoso, pouco patriota, pessimista, claro, contraditório etc.).

b) identifique o ponto de vista de Rosenfield. A solução mais óbvia é considerar que esse ponto de vista é que não há possibilidade de mudanças no quadro (geo)político atual (a autonomia pertence ao passado; seu adeus é definitivo...). Mas não se exclui que o candidato considere que a tese do texto é que mudanças só serão possíveis através de negociação com a própria sociedade americana - à semelhança do que ocorreu no episódio da guerra do Vietnã.

c) decida, após ter identificado o ponto de vista do texto, defendê-lo ou combatê-lo. Assumir uma posição intermediária é sempre uma saída possível, mas espera-se que a balança penda para uma delas.

Qualquer que seja a opção, o candidato tem à disposição fatos e argumentos - tanto no texto de Rosenfield quando nos demais textos da coletânea - para construir ou fortalecer argumentos. O texto de Rosenfield expõe teses e, além disso, menciona fatos históricos que podem servir de apoio à posição do candidato, especialmente dois:

1) a guerra do Vietnã, que pode ser explorada como evidência de que o quadro atual pode ser alterado (os mais fracos podem vencer, especialmente se se der tempo à história) e também de que mudanças podem ser provocadas a partir do próprio país dominante (no caso, os EUA). Esse fato ilustra a tese, exposta no texto, aliás, de que as situações podem não ser definitivas, que podem mudar a partir do próprio centro de poder etc.

2) a relação da Gália com o Império Romano: parecia não haver condições para uma revolta gaulesa, mas apenas para a negociação (a revolta só seria possível na ficção, na

ficção humorística - daí a menção a Asterix, que dispunha da poção mágica). Mas o candidato pode invocar a queda do Império Romano, e explorar a alternativa segundo a qual nada é definitivo, mudanças são uma questão de tempo.

Se decidir defender a primeira das teses do autor, o candidato pode considerar também a fábula do lobo e do cordeiro: com ou sem razão, o fraco é engolido pelo forte; nem pode negociar. Se decidir combater o ponto de vista de Rosenfield, pode considerar o episódio de Davi contra Golias, paradigma da vitória do mais fraco, e pode somar o episódio ao da guerra do Vietnã e à queda do Império Romano.

Se decidir por outra posição, o excerto de autoria de Marx pode servir-lhe de base: a história pode mudar (os homens fazem a história); mas as mudanças não dependem da vontade dos homens, já que as circunstâncias históricas são cruciais.

O candidato pode agregar a estes fatos quaisquer outros que lhe pareçam adequados. Os exemplos podem provir do esporte (em geral, vence o melhor, mas pode haver surpresas - jogos podem sofrer "viradas"); das guerras (por exemplo, a segunda guerra mundial parecia ter um só desfecho possível, mas, no final, o Eixo foi derrotado; a França foi ocupada, muitos aceitaram o regime imposto por Hitler, mas outros foram para a resistência e venceram). Em suma, pode invocar o mote básico fornecido pela idéia de evolução para afirmar que, se sempre houve mudanças, mesmo inesperadas e até aleatórias, pelo menos a longo prazo, então é possível que tudo mude (mesmo que seja para que tudo permaneça igual, segundo a célebre fórmula de Lampedusa...).